

PRESIDENTE SAMORA ANALISA SITUAÇÃO DA MULHER

No 1/4/76

O Presidente da FRELIMO e da República Popular de Moçambique, Samora Moisés Machel, reuniu-se ontem com elementos da Organização da Mulher Moçambicana, a nível da província do Maputo. Na reunião, que teve lugar na Sala de Conferências da cidade de Maputo, participaram cerca de 300 mulheres em representação de todos os distritos da província, das empresas, repartições públicas, bairros e Destacamento Feminino. Na mesa da presidência, encontravam-se além do Presidente Samora Machel, Deolinda Guezimane, membro do Comité Central da FRELIMO e secretária-geral da O.M.M., Alberto Chipande, e Jorge Rebelo, ambos membros do Comité Central da FRELIMO, e respectivamente, Ministros da Defesa e da Informação. A assistir à reunião encontravam-se ainda os Ministros Graça Simbine e José Óscar Monteiro, além de outros quadros responsáveis a nível do Partido e do Governo da República Popular de Moçambique. No início da reunião a secretária-geral da O.M.M., Deolinda Guezimane, explicou o seu significado que, além do mais, servirá de base para as comemorações da celebração do dia 7 de Abril (Dia da Mulher Moçambicana) que muito brevemente será assinalado em todo o País. Seguidamente, aquela responsável pediu ao Presidente Samora Machel para presidir à reunião, que decorreu num clima de franca e aberta discussão, crítica e autocrítica. Dirigindo-se a todos os participantes, o Presidente Samora Moisés Machel proferiu de improviso uma alocução em que se referiu circunstanciadamente aos principais problemas que afectam a mulher moçambicana. Dessa alocução salientamos o seguinte:

Uma das preocupações fundamentais da FRELIMO é a mulher moçambicana, o problema da mulher moçambicana. Um dos problemas que mais preocupa a nossa organização é o problema da emancipação da mulher moçambicana.

Que tipo de combate deve ser desencadeado para que a mulher líquide os males que oprimem? Há que definir quem são os inimigos essenciais da mulher em geral e da mulher moçambicana em particular. Analisemos o nosso processo de crescimento: Crescemos igualmente ou há desequilíbrio no processo do nosso crescimento? Em Moçambique, o homem está mais desenvolvido do que a mulher, ou estão ao mesmo nível?

Trata-se de crescimento mental e não de crescimento físico crescimento da nossa consciência, da consciência sobre os problemas nacionais, sobre os problemas da humanidade, sobre os problemas da nossa sociedade. Quais os factores que permitiram ao homem ser um pouco mais desenvolvido que a mulher? Quais os obstáculos que impediram e continuam a impedir o crescimento da mulher moçambicana, para tomar consciência da sua situação?

Parece que encontramos como base divisão de tarefas. Há um certo trabalho que impulsiona o crescimento da nossa consciência, impulsiona o crescimento do cérebro do homem. Esse trabalho é que permite a tomada de consciência, tomada rápida de consciência da que somos vítimas de qualquer coisa em geral. Todos nós éramos explorados. Mas o explorado gosta de ser explorado? Esta é para nós a questão para a definição correcta do nosso inimigo.

Que tipo de combate devemos realizar para liquidar o nosso inimigo e neste momento quem é o inimigo da mulher em geral e quem é o inimigo da mulher moçambicana? Analisáramos então a situação da mulher do Rovuma ao Maputo.

Para realizarmos qualquer tarefa necessitamos de instrumentos. Quando fundámos a FRELIMO, estávamos a criar o instrumento para a liquidação do colonialismo, para lutar contra o colonialismo. Quando fundámos a FRELIMO definimos que tipo de organização deve ser a FRELIMO. Parece que é o ponto central quando se cria uma organização. Que tipo de organização e quais devem ser as suas tarefas. Para ser uma organização revolucionária deve possuir características essenciais. Onde há tribalismo não há progresso,

onde existem elementos conservadores não há revolução, onde existe tradição e tradicionalistas não há progresso, só há reaccionários. E nós verificamos que há muito conservadorismo no nosso país. Sobretudo ao nível da mulher há muita tradição, há muito divisionismo, há muito desprezo e discriminação. Assim a Organização não pode ser revolucionária. Discriminação, regionalismo, qüerismos mesmo localismo no seio da mulher. A mulher deve ter valores. Só têm os valores para vocês e para o seu país consoante a sua origem e a sua região. A região onde nasceu.

Classificamos, começando a olhar por cima. A primeira coisa que procuramos saber: é natural de onde? Então classificamos o seu grau. Não é a consciência é a região onde nasceu. Depois diremos a sua tribo, de quem é filha. São estes os maiores obstáculos ao desenvolvimento da mulher. Talvez devido à falta de contacto com a realidade, com as tarefas essenciais. São essas tarefas que assalam o sistema de pensamento das mulheres.

Quando nós conhecemos o país, então respeitamos. A tendência no seio das mulheres e também dos homens é de respeitar os exploradores. As filhas dos exploradores são admiradas. Admiramos os exploradores e desprezamos os que produzem a riqueza.

BRAGA PARA ORGANIZAR A MULHER

Nós criamos a OMM como braço para organizar a mulher e que atingira a mulher nas regiões mais remotas do nosso país, mais abandonada. Nós não criamos a organização da mulher para imitação. Criamos a Organização da Mulher na certeza absoluta de que só com a evolução, com o desenvolvimento, com a emancipação da mulher nós levaríamos vitoriosamente as nossas tarefas revolucionárias. Estávamos conscientes de que a mulher é a responsável de todas as gerações. A mulher está em contacto permanente com as crianças. É a mulher que transmite as ideias revolucionárias às crianças devido ao seu contacto e à sua responsabilidade particular. A Organização da Mulher não foi criada naquele espírito, naquele modelo das organizações burguesas de mulheres burguesas com ideias corruptas. Não era para uma classe. A Organização da Mulher Moçambicana é a expressão mais viva da nossa classe, classe dos oprimidos, classe dos trabalhadores, classe dos camponeses. Criamos a OMM para dar a imagem verdadeira da mulher moçambicana, da sua personalidade, da sua dignidade. Por isso impunhamos e impõe-se a luta sem tréguas contra os males da sociedade, contra os males criados pelos colonialistas. E, para isso, impõe-se também a liquidação da divisão que existe, a liquidação do desprezo que existe no seio da mulher moçambicana, a fim de podermos tratar de maneira correcta as nossas tarefas, definirmos de uma maneira correcta o nosso inimigo. Quem é o nosso inimigo? Quem é o inimigo da mulher? Nós conhecemos os particularismos da mulher e conhecemos algumas especificidades da mulher. Mas por outro lado também conhecemos as suas potencialidades, as suas capacidades que constituem a base para se arguer e lutar de maneira firme.

Uma das características da mulher são complexos. Os complexos de inferioridade que destroem a sua capacidade de iniciativa e são o resultado de tantos traumatismos.

Primeiro as velhas; depois as recém-casadas. Em terceiro lugar aquelas que têm um filho ou dois (Niwulana) e que não podem, ainda, entrar no grupo das «massungukati» (adultas). Este grupo de mulheres casadas com seis filhos — essas é que sabem tudo; conhecem a vida. Em princípio não podem discutir com as outras, porque estas outras são crianças. Aquelas que têm já 60 anos não falam com as que ainda produzem crianças.

Assim, dividindo, temos: em primeiro lugar as «massungukati» (adultas); depois vem o grupo de «wamamama» (as mães); as «wamamahanu» (mães jovens); o grupo de «niwulana» (mães pela primei-

ra vez) e o grupo «wamamahanu» (meninas). Esses grupos todos são padrões. Para as mulheres são subordina.

E, agora não sei se aqui vamos discutir realmente porque há algumas que são merinhas, algumas têm 13 ou 20 anos. Não sei se podemos discutir seriamente e realmente, porque as «massungukati» (adultas) são para dar lições da experiência. Mas qual experiência? De como tratar a casa. E essa a experiência? — E de como obedecer ao marido; dão conselhos de como obedecer; nunca lutar com o marido. Mas o homem também não pode lutar com a mulher. Por que é que há de ser a mulher a lutar com o marido e o homem a lutar com a mulher?

Nós queremos aqui fazer um balanço das nossas actividades. A nossa Organização realiza verdadeiramente as tarefas ou não?

O Comité Central, reunido de 11 a 27 de Fevereiro estudou com muito cuidado as questões da O.M.M.; estudou com muito cuidado a questão do Destacamento Feminino, o Destacamento Feminino constituído, como foi definido em 1973, a fonte dos quadros para a O.M.M. E o reservatório.

Como é que a O.M.M. e o Destacamento Feminino vão coordenar? Penso que no ano de 1976, porque queremos realizar as tarefas essenciais da Reconstrução Nacional, de novo chamada a O.M.M. para desempenhar as tarefas da Reconstrução Nacional. E quais são essas tarefas da Reconstrução Nacional?

A primeira tarefa essencial é a destruição das estruturas colonialistas e capitalistas. Mas, para destruímos essas estruturas, necessitamos, em primeiro lugar, de conceber a nossa tarefa e de assumir a nossa tarefa.

Continua a existir ainda, a tendência de valorizar as ideias estrangeiras. Continuam no nosso seio algumas mentalidades escravas ao estrangeiro a gostar dos valores estrangeiros.

Continua a existir o banditismo no nosso país. Para destruímos o banditismo no nosso país, é necessário que nós compreendamos e assumamos a tarefa de dar prioridade à política. Existe ainda no nosso país, grupos de ladrões. Existem ainda grupos no nosso seio de criminosos assassinos, que foram criados pelos colonialistas. Existe ainda no nosso seio, os ex-Pides que nós não temos capacidade de denunciar, neutralizar. Porque vivemos ainda desorganizados. E vivendo desorganizados não podemos realizar as nossas tarefas. Ao nível das fábricas ainda não estamos organizados, porque não temos estruturas ao nível da Organização da Mulher Moçambicana.

VIVER ORGANIZADOS

Ao nível dos hospitais não vivemos organizados. Ao nível das escolas não vivemos organizados. Ao nível dos bairros não vivemos organizados. E assim, não temos a noção do que é o trabalho colectivo.

Existe ainda o alcoolismo na nossa sociedade. Onde há o alcoolismo há desvalorização do homem, da pessoa. A pessoa transforma-se em objecto. O álcool destrói o cérebro do homem. E o cérebro que fabrica as ideias. O álcool cria a preguiça, a ociosidade. Onde há ociosidade significa que existe enferrujamento das nossas ideias. Não adquirimos ideias novas. Há ferrugem e onde há ferrugem significa que há corrupção ideológica.

Por outro lado, não existe ainda o sentido de família no nosso seio. Família, a origem da família. O sentido da família. Ainda não há. Por isso, assistimos a casos de poligamia, divórcios, e assistimos ao que chamamos adultério.

Existe, vamos lá, na sociedade o que há de mais degradante, mais humilhante: a prostituição no nosso país. Isso significa a desonra do país. E porque existe isso na nossa sociedade? E como vão avançar as mulheres apegadas a estas ideias? Nós ainda não encontramos a mulher que seja capaz de desencadear o combate contra esses males.

Existem a nível do campo rural, a ignorância, o analfabetismo. Existem em grande escala, no nosso país, os chamados ritos de iniciação. A criança basta ser submetida a esses ritos de iniciação e considera-se mulher adulta, que está pronta. Não pela idade, mas porque já recebeu lições de que é adulta. A preocupação central não é estudar a sociedade. É estudar a vida até encontrar o homem. Transferir-se do pai, para o novo pai. Ainda existem casamentos forçados. Ainda existem casamentos escolhidos pelos pais. Não há consciência do encontro do espírito entre o homem e a mulher, ainda. Mas nós temos tarefas enormes no nosso país ainda. E ainda temos

vergonha de mostrar a nossa cultura. De valorizarmos a nossa cultura. Porque somos assimilados. Ainda existem em grande escala os assimilados. Tem saudades do alvará, tem saudades do bilhete de identidade, aquele que foi dado pelos colonialistas. Que o distingua do resto da população. Tem saudades da sua antiga classe, classe de intermediário, entre capitalistas, entre exploradores, entre opressores e o resto da população. Não se sentia bem quando estava ao lado do capitalista porque se sentia inferior, não se sentia bem quando estava com a população porque se sentia superior. Isso ainda existe no nosso país.

Há corrupção no seio das mulheres e dos homens mesmo. Do que é a modéstia e a simplicidade. Que confundem com libertinagem e liberalismo.

Assistimos hoje, homens e mulheres com cabelos compridos e sujos. Dizem que é ser simples e moderno. Assistimos a casos de pessoas com possibilidades, a andar de chinelos, unhas compridas e sujas, cheios de amataquenhias. Dizem que é para ser igual ao povo. Ser do nosso povo é andar sujo?

Primeiro, desencadearmos campanhas contra esses que andam de cabelo comprido, barbas sujas. Nós não vencemos a guerra para semeiar a anti-higiene do nosso país.

Assistimos ao nível dos hos-

pitais nos fim-de-semana, bailes organizados com muita bebida alcoólica, dançam, vão apagando as luzes, vão tirando a roupa, dançam e bebem nus. Como é que se diz isso? Bacanais? Existem no nosso país, deixados pelos colonialistas. E gostam. A nível dos hospitais. Gostam. Fazem. Existe na prática. Vocês já viram alguma vez? Não? Mas existe nos hospitais. Trazem bebidas, juntam-se lá. Todo o pessoal. Dançam. Vão bebendo... e quando chega a uma hora, duas da madrugada, começam a tirar a roupa, vão diminuindo as luzes, e finalmente, todos ficam nus, dançam e bebem. São civilizados.

Assistimos, por aí fora, a professoras que fazem dos alunos adultos, seus amantes. Assistimos, também, a alguns professores que fazem das alunas já crescidas, suas mulheres e suas amantes.

Assistimos a situações bastante vergonhosas, que humilham, desprestigiam a FRELIMO, desprestigiam a mulher moçambicana.

COMBATER VICIOS

Assistimos a nível dos hospitais nos fim-de-semana, bailes organizados com muita bebida alcoólica, dançam, vão apagando as luzes, vão tirando a roupa, dançam e bebem nus. Como é que se diz isso? Bacanais? Existem no nosso país, deixados pelos colonialistas. E gostam. A nível dos hospitais. Gostam. Fazem. Existe na prática. Vocês já viram alguma vez? Não? Mas existe nos hospitais. Trazem bebidas, juntam-se lá. Todo o pessoal. Dançam. Vão bebendo... e quando chega a uma hora, duas da madrugada, começam a tirar a roupa, vão diminuindo as luzes, e finalmente, todos ficam nus, dançam e bebem. São civilizados.

Orgia. Nós combatemos isso. Continua na página 61